

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

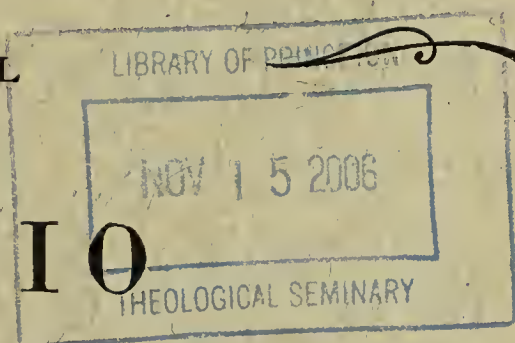
Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

A' Guisa de Homenagem	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Os «Milagres» do Padre Antonio à luz do Espiritismo	<i>Leopoldo Machado</i>
A Prece e o Canto	<i>J. B. Chagas</i>
Que acontecerá, depois ?	<i>J. Herculano Pires</i>
A Obra de Geley	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Fenômenos de Materialização	<i>Amadeu Santos</i>
«Data Venia...»	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
As Obras de Assistência Social	<i>Aurelio A. Valente</i>
Trinta Anos Entre os Mortos	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>







Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✂ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

A' Guisa de Homenagem



ENDO a história da humanidade, desde a sua infância, em que o homem não passava de um cafre boçal habitando imundas cavernas, vemos que êsse mesmo homem evoluiu

admiravelmente em tudo o que exige o emprêgo da inteligência, da boa vontade, da perseverança e, sobretudo do sacrifício, que constitui a alavanca do progresso, porque sem sacrifício ninguém conseguirá escalar os degraus da escada da Perfeição.

É assim, de habitante de cavernas escuras e infectas, vivendo na mais completa promiscuidade, com os sináis característicos da fêra, devorando às vezes o próprio semelhante, ato impraticável pelas próprias fêras, o homem apresenta-se hoje, depois de penosa e longa evolução, um ser dotado de elevadas faculdades, capaz de dirigir-se por si mesmo às altas finalidades da vida. Já sulca os mares em gigantescos transatlânticos, vôa em possantes aeroplanos, criou maravilhas como o rádio e o telégrafo sem fio, sabe tirar do sub-sólo e até da atmosfera os elementos essenciais à rapidez de transportes e à movimentação mais perfeita das máquinas e instrumentos, na ânsia inconfundida de tirar o máximo de proveito da mecânica. Enfim, é notável o pro-

gresso do homem em todos os setores da atividade humana, e já podemos calcular, baseados no que acabamos de apontar, o que será o homem daqui a cinquenta anos ou um século, considerando que se o homem levava cinco séculos para atingir a um seu objetivo, hoje, pelo seu progresso, encontra mais facilidade, podendo, portanto, diminuir o tempo para, suponhamos, um século.

Mas todo êsse extraordinário progresso do homem foi acompanhado, estimulado e guiado por Deus, que sempre enviou e continua a enviar espíritos esclarecidos que, vencendo sempre a teimosia, o orgulho e a ignorância dos retardatários, à custa dos mais ingentes sacrifícios, levados à lapidação em praça pública, apupados, perseguidos, jogados no fundo de uma cela infecta, onde muitas vezes morriam na mais completa miséria, legaram à humanidade tudo o que de mais elevado tinham no arquivo dos seus conhecimentos.

É assim que eminentes personalidades deram um impulso extraordinário à arte, à ciência, à filosofia e à religião. Entre elas, sobressai a figura inconfundível de Jesus Cristo na tarefa que lhe tocava: lançar a pedra fundamental da Religião, aquela mesma pedra que, conforme êle próprio afirmára, fôra rejeitada pelos edifi-

cadores, a saber, a Revelação da Verdade em espírito: que o homem é espírito imortal destinado a alcançar a suprema perfeição através da prática do amor ao próximo; que os habitantes dos dois mundos — o espiritual e o material — podem se comunicar, num intercâmbio que resulta no aceleração da ascensão de ambos a mundos superiores.

No Capítulo desesseis, versículos de treze a vinte de S. Mateus, vemos que Pedro era médium ao receber e transmitir êle a palavra divina: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo». Esta a Revelação em que Jesus fundou a sua Igreja, e não sobre Pedro, como erradamente pretendem as religiões chamadas oficiais.

Se o homem, para adquirir tudo o que é indispensável ao bom viver e às suas comodidades neste mundo, precisa alargar o campo dos seus conhecimentos e de sua atividade, com maior razão deve procurar adquirir os conhecimentos relativos à sua vida futura — que é a espiritual, sabendo, como sabe, que hoje ou amanhã terá que fazer aquela viagem que fatalmente todos nós temos que empreender, no justo cumprimento dos desígnios divinos.

Portanto, a sua preocupação principal deve ser a de trabalhar pelo seu aperfeiçoamento moral e espiritual, pois se não fizer assim, jamais se libertará das injunções inferiores de um mundo material como o em que vivemos presentemente e será, portanto, sempre infelicitado pelas provações decorrentes do seu agarramento às cousas do mundo. Os títulos onoríficos, posição social e de destaque nos Governos, dinheiro

em abundância, diplomas, de nada valem ao homem ao ingressar êle no mundo espiritual se não tiver enriquecido o seu patrimônio espiritual.

Foi justamente para guiar o homem ao lugar que lhe compete no concerto universal, que Jesus Cristo, o maior enviado de Deus, o Mestre por excelência, desceu a êste pequenino planeta. E os seus ensinamentos, vassados na mais pura moral, os seus feitos, os prodígios que operou, na clara demonstração da Imortalidade da Alma, já se transformaram em uma bússola para todos quantos se identificaram com o espírito da sua inegalável Doutrina, agora revivificada pelo Espiritismo, o Paracleto da sua promessa.

No próximo dia 25 a cristandade comemora mais um aniversário do nascimento de Jesus. É a maior data do Cristianismo, ou com mais acerto, a maior data até hoje registrada na História da Humanidade, porque ela marca o início de uma nova era — a era espiritualista — com a libertação da humanidade do jugo de sua própria ignorância, dos seus êrros e vícios, enfim, de suas imperfeições.

Por êsse motivo, nós não poderíamos deixar de abrir o presente número sem mencionar o grande acontecimento, porque êle é agora parte integrante da nossa vida, tanto mais que devemos aproveitar esta oportunidade para, mais uma vez, rendermos a Jesus, estrela de primeira grandeza das nossas justas aspirações, num testemunho de amor, a nossa profunda gratidão pelas luzes que projetou em nossa alma, as nossas sinceras homenagens.



O maior inimigo da religião é o materialismo, e êsse não tem mais rude adversário do que a doutrina espírita. O ESPIRITISMO já reconduziu ao ESPIRITUALISMO numerosos materialistas obstinados que até então haviam resistido a todos os argumentos teólogos; é que o Espiritismo faz mais do que argumentar, torna as cousas patentes. É o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas, porque dá ao homem a convicção de seu destino futuro, e com êsse título deve ser acolhido como um benefício para a humanidade. Ele reanimou em mais de um coração a fé na Providência, fez renascer a esperança no lugar da dúvida; fez mais: arrancou mais de uma vítima ao suicídio, restabeleceu a paz e a concórdia nas famílias, acalmou ódios, amorteceu paixões brutais, desarmou a vingança e levou a resignação á alma do sofredor.

ALLAN KARDEC.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XII

O espírito protetor

A Sra. Hauffe, como todos os sonâmbulos e muitas outras pessoas que cultivaram seu ser interior, tinha um guia espiritual invisível. Sócrates e outros se criam sob a direção de um espírito. Tal gênio ou demônio os avisava não só dos perigos que os ameaçavam mas também a outros, revelando-lhes o futuro e ditando suas linhas de conduta.

A falecida esposa de um respeitável cidadão de Heilbronn tinha constantemente perto de si um espírito que não só a prevenia de vários perigos que a ameaçavam mas também de visitas amigas que ia receber, bem como das mortes que iam ocorrer em sua família e finalmente de sua própria. Certa vez, êle se lhe fez visível, sob a aparência de um velho. Sua presença era sentida por ela e por outros e, quando ela conversava com ele, sentiam o ar agitado como que por uma respiração. Muitas testemunhas ainda vivas e perfeitamente dignas de fé podem atestar grande número de factos com referência a êste último fenômeno.

Uma moça chamada Ludwiger, perdera inteiramente o uso da palavra e ficara parálitica desde sua primeira infância. Sua mãe, em seu leito de morte, confiara a suas outras irmãs o cuidado de educar essa jovem desamparada e elas cumpriram pontualmente seu dever, até o dia do casamento de uma delas, em se esqueceram de sua protegida. No meio das festas nupciais, porém, se lembraram de sua protegida e se apressaram em ir para perto dela, encontrando-a, com grande surpresa sua, de pé, e sabendo, de sua própria boca, que sua mãe tinha vindo e lhe havia dado de comer. Era a primeira vez que a ouviam falar, durante toda a sua moléstia, e pouco depois ela morria.

«A's vezes, diz Jamblico, um espírito invisível erra em torno de pessoas adormecidas, para afastar dela sofrimen-

tos da alma e do corpo e, algumas vezes, quando dormimos ou durante sonhos que nos envia o céu, ouvimos uma voz fraca que nos aponta o que devemos fazer».

Conheci um camponês que, durante longos anos, curava as enfermidades por meio de passes ou massagens. Eis, segundo sua própria narrativa, como começou êle a assim agir: aos 39 anos fôra atingido por atroz dôr acima da vista direita, a qual o impedia de trabalhar e zombava de todos os remédios que se lhe davam. Em certa ocasião, a dôr tendo persistido três dias, ele pediu a Deus que a aliviasse e então um fantasma lhe apareceu, fez com o polegar sete passes, desde a vista até a cavidade do estômago, e ele ficou grandemente aliviado. Repetiu, depois, os passes sôbre si mesmo e ficou logo inteiramente curado.

Na coleção dos ensaios de Horst sobre a feitiçaria, lemos que uma jovem estava há muito afetada de claudicação, em consequência de deformação de um osso. Coisa alguma deu resultado até que, certa noite, o osso endireitou-se por si mesmo. A moça despertou sua mãe e seu irmão, perguntando-lhes se não haviam visto e ouvido o anjo que se achava perto dela. Parecera-lhe que algo tocára o osso, depois do que êle se endireitára e toda claudicação desaparecera.

A Sra. Hauffe não falava, sem profunda emoção, da aparição de seu espírito protetor, sua avó Schmidgall, que era seu guia constante e visível. Não falava, porém, senão com muita insistência de todas as aparições e comunicações do mundo dos espíritos. Salvo os casos em que isso se produzia ocasionalmente ou quando se a instava a fazer revelações, nunca a ouviamos falar de tais coisas, de tão grande interesse, todavia. As aparições perturbavam sua saúde e seus pensamentos, mas, para todas as pessoas dignas de fé que aprenderam a conhecê-la, sua lealdade e sua absoluta convicção são incontestáveis.

Na época em que a faculdade de ver os espíritos estava em todo o seu apogeu, ela se cria no estado de vigília, porém, na realidade, estava sob êsse estado particular que chamamos sua vida interior. Sua avó lhe aparecia sempre sob a forma que tinha quando na Terra, mas com atributos diferentes. Parecia ter uma veste com cintura e, sôbre a cabeça, via-se algo como que um véu que lhe cobria os cabelos e caía sôbre as orelhas. Todos os espíritos femininos, sem exceção, traziam aquela espécie de penteado.

Dissemos acima que lhe parecera, certa vez, que era magnetizada por seu espírito protetor e como eram afastados os objetos cuja proximidade a prejudicava. Isto aconteceu ainda aqui, em Weinsberg, ás 3 horas da manhã. Após tê-la magnetizado, o espírito lhe pediu que levantasse e escrevesse, o que ela fez, e lhe disse que o escrito devia ficar como uma indicação ao seu médico, para o modo de magnetizá-la. A Sra. Hauffe pediu ao espírito que a magnetizasse sempre, porém êle lhe respondeu: «Se eu tivesse o poder de agir sempre assim, terieis logo possibilidade de deixar vosso leito e caminhar».

Como já acontecera num período anterior, ela via às vezes uma forma espectral detrás da pessoa a quem falava. Muitas vezes era o espírito protetor de tal pessoa ou ainda a imagem do seu ser interior. Assim, detrás de uma mulher a

quem jamais vira, percebeu de uma feita, uma forma vaporosa, com membros delgados e movimentos agitados. Reconheceu-se que aquela mulher era de uma natureza extremamente inquieta.

Outra vez, como olhasse pela janela, uma pessoa desconhecida aconteceu passar e saudou-a, porém ela recuou bruscamente e quando lhe perguntei a razão do seu gesto, me disse ela que, detrás da mulher que acabava de passar, via um homem de aspecto desagradável e vestido de preto. Olhei para fóra e reconheci uma mulher, de caráter muito mau e altercador, que vinha, entretanto, de longe e era absolutamente estranha à Sra. Hauffe.

Detrás de uma jovem criada, que vivia em nossa casa, ela viu muitas vezes a forma de um rapazinho de cerca de 11 anos. Perguntei à criada se tivera um parente com esta idade e ela me respondeu que não. Mais tarde, todavia, me disse que, refletindo sôbre minha pergunta, se lembrára de que um seu irmão, falecido aos 3 anos de idade, teria então exatamente 11 anos.

«Um dia se demonstrará, disse Kant, no sonho de uma vidente, que, mesmo nesta vida, a alma humana está em comunicação constante com o mundo espiritual e que ambos os mundos são suscetíveis de se impressionarem reciprocamente, mas, durante todo o tempo que tudo vai bem, tais impressões passam despercebidas».

Os «Milagres» do Padre Antonio á luz do Espiritismo

LEOPOLDO MACHADO

Não existem milagres para o Espiritismo, que o milagre seria a derrogação das Leis e, para o Espiritismo, nenhuma Lei deve ser derrogada.

Mas, «os milagres» do Padre Antonio?

Fenômenos naturais, embora possam alguns fugir aos conhecimentos da ciência atual, que não é, naturalmente, a última palavra da Ciência.

E o Padre Antonio, um grande médium curador, ainda que êle não o saiba e não queira endossar a qualidade que lhe atribuímos.

Para nós, individualmente e como espírita, vemos sua ação e seus «milagres» por vários prismas.

Enumeremo-los, analisando-os, embora superficialmente:

1) *Uma reação do Espiritismo, forte, contra o materialismo dominante em tudo, até a dentro das religiões mesmas.* Principalmente na medicina, a mais materialista de todas as ciências. Sente-se, com efeito, uma febre de materialidades em tudo. O homem vai condicionando tudo a problemas materiais, passíveis de soluções econômicas, sómente. Ora, uma criatura simples e humilde que, em nome de Deus e de uma Nossa Senhora qualquer, entidades espirituais, realiza prodígios que a medicina materialista não consegue, não será uma prova concreta desta reação?

Não será uma prova de que nem tudo foi contaminado pelos esplendores do materialismo de nossa orgulhosa civilização materialista?

II) *Sombras de falência do orgulho da medicina materialista*, visto como ninguém admite que um só doente tenha procurado o padre sem ter, primeiro, procurado os médicos. Os abastados: consultórios caros, que exigem exames de tudo. Os pobrezinhos, os postos médicos. Só procuraram o padre, os desiludidos da cura que procuraram, em vão, na medicina materialista. É óbvio que ninguém se bolaria a excursão tão longa e tão dispendiosa para conseguir aquilo que poderia obter na sua rua ou no seu bairro. Ninguém!

III) *A glorificação da humildade e da fé pura*. O padre é humilde, é um homem de bem e crente. Deve, por isso principalmente, curar. E cura, efetivamente, que Deus só delega poderes para tanto, levando em conta virtudes e sentimentos, que não religiões e castas. É o que se depreende das mais belas lições do Cristo, a partir da magnífica *Parábola do Bom Samaritano*.

IV) *Lição para a Igreja*. Padre Antonio não cura por ser padre, mas por ser crente, humilde e bom. Assim não fôsse, todos os padres curariam, visto como servem, como dizem, à Igreja do Cristo. E todos deviam, efetivamente, curar, de vez que o Cristo afirmou «tudo o que eu faço, vós podereis fazer e mais ainda». Ora, se os sacerdotes não fazem o que o Cristo fez, nem porcentagem mínimas do que o Cristo aconselhou e autorizou áqueles que O seguissem, é porque lhes falta algo para serem, integralmente, sacerdotes da verdadeira Igreja do Cristo. O padre não curaria se residisse no Vaticano, ou num palácio arcebispal, vivendo com todo o luxo e regalias da civilização, como seus superiores hierárquicos.

V) *Medida do estado de graça dos curados*. Cremos que padre Antonio cure uns 5 %/o, se tanto, de quantos enfermos o procuram. E já não cura pouco. Porque não cura todos os doentes que o procuram? Nem o Cristo curou quantos O procuraram. É que para o enfermo curar-se deve, antes de mais nada, estar em estado de graça para receber a cura, tenha ou não crença no instrumento da cura. Estado de graça imanente de sua fé e de seus sentimentos bons, é óbvio. Por

isso é que o Cristo dizia, ás vezes, ao que curava: «Tua fé te curou.» Os enfêrmos que foram até o padre e voltaram na mesma, sinão piores—que é o caso de rapaz de nosso conhecimento, que voltou até obsidiado!—êsses, ou não estavam em estado de merecer a cura, ou sua enfermidade se trata de provas terrenas por que tem de passar, é claro.

VI) *Milagres, as curas do padre?* Alguem já o procurou, maneta ou pernetta, que voltasse com o braço ou a perna que perdera? Isso, inegavelmente, seria milagre. Suas curas milagrosas seriam realizadas por qualquer crente nas suas condições de fé e de sentimentos, budista ou mosaista, protestante ou espírita. Principalmente, espírita, visto como são curas semelhantes, acontecimentos quasi triviais nos meios espíritas...

VII) *Porque tal poder confiado a um padre?*

Só um padre, dentro de nossos tempos cheios de catolicismos, poderia focar as atenções de toda gente; da grande imprensa e do rádio; poderia ser tolerado pelas leis e pela medicina legal; enfrentaria a Saude Pública e a Polícia, sem arranhões e perseguições. Duvidamos que um protestante ou espírita lograsse tamanha reclamação e tão grande aceitação, por parte de todos e de tudo. Em Rêcite, o médium D. Jael de Carvalho, também arrastou multidões até ela. Seus prodígios lograram a mesma propaganda? Foram alvos da mesma tolerância?

VIII) *É preciso o sacrificio de ir até êle para a cura?* Absolutamente! Dillo, aliás, o próprio padre. Desde que o doente esteja no estado de graça, em que a fé e os sentimentos puros o conduziram, poderá receber a cura em toda parte, que Deus está, com a Sua misericórdia, em toda parte. Não acreditamos, por isso mesmo, que um espiritualista ciente e conciente do sentido espiritualísticos das coisas, tenha necessidade de procurar o reverendo para curar-se. Mormente, se o fizer á procura da cura do corpo, sómente, que é pensando em seus males físicos que 99 %/o dos enfêrmos o procuram. O espiritualista de facto sabe que os males do corpo são reflexos de males do Espírito, bem maiores: «Vai e não peques mais, para não te acontecer coisa pior» disse o Cristo ao curado á borda do Poço de Jacó, por êle, de velha paralisia, está no Evangelho.

IX) Santo, o padre, porque cura?

Um homem virtuoso êle deve ser, que nem todos que curam são santos.

Ao contrário: ha quem cure sem santidade alguma, passivel, também, das trevas exteriores, di-lo o Cristo: «Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expelimos demônios e não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi claramente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.» Quer isso dizer que alguém, um mau *médium* ou mau magnetizador, pôde realizar prodígios em pessoas em estado de graça, que apelem, cheias de fé, para êle, porque maior do que a iniquidade do *médium* e do magnetizador, é a crença e o merecimento do enfêrmo, é a misericórdia e o próprio nome de Deus, ou de Jesus, invocado para tanto.

X) Concluindo: cremos nas virtudes do Padre Antonio Ribeiro F.^o. Cremos que êle cure, efetivamente, uns 50% de quantos o procuram. Cremos que êle seja um grande *médium*, um missionário do espiritualismo cristão contra o orgulho e a sabedoria do materialismo aí dominante. Cremos que Urúcrania e Rio

Casca sejam, nêsse momento, outras tantas Mecas de graças divinas jorradadas sobre a miséria humana. Mas, cremos, também, que ha muita exploração e exagero na propaganda que a imprensa e o rádio vão fazendo em torno do caso. Ilustre amigo, cirurgião-dentista, contou-nos, de volta de Rio Casca, que viu o padre dizer a uma entrevada: «Faça um esforço e veja se larga suas muletas. Vamos: fé em Deus!» A parálitica fez um esforço supremo e conseguiu erguer-se, efetivamente, sem as muletas. O locutor berrou, imediatamente, para o mundo, ao microfone: «Acaba de realizar-se mais um milagre do padre Antonio: uma parálitica deixa as muletas, curada!» Mas, a parálitica sairá como lá chegara...

Ha, portanto, muito exagero e muita exploração em tôrno do facto. Com a venda de medalhinhas da N. S. das Graças e de fotografias do padre, muita gente existe que está fazendo excelente e fácil comércio.

Eis, portanto, como estamos vendo e sentindo os «milagres» do Padre Antonio, como espírita e como observador imparcial dos factos.



© A Prece e o Canto ©

Agita-se, com insistência no meio espírita um movimento no sentido da substituição da prece pelo canto no início das reuniões, como a inovação *sue-géneris* dos últimos tempos, introduzida no Espiritismo. Julgam os seus ideadores, ser viavel a substituição, como se, porventura, fosse possivel um canto ou uma canção, por mais suave ou melodiosa, ocupar o lugar da prece, quando feita em respeitoso silêncio e unção verdadeiras.

Sendo o Espiritismo uma doutrina de liberdade que não admite o dogmatismo em qualquer dos seus setores, devemos nos declarar, com sinceridadé, contrários a tal inovação, não considerando tal atitude como crítica jocosa ou áspera aos irmãos de jornada, autores da inovação. Contudo, não devemos tolerar, porque a tolerância excessiva é conivência que, quem quer que seja, tente introduzir descabidas inovações no âmbito dou-

trinário, e ficando quietos e mudos.

Procuremos, unicamente, com o objetivo doutrinário, estabelecer a diferença existente entre prece e canto.

Os Espíritos referem-se de modo respeitoso sempre que aludem a importância da prece.

Vejamos como Alves Mendes a ela se refere na comunicação ditada ao *médium* Fernando de Lacerda, a qual está inserta no 3.^a volume da obra *No Paiz da Luz*: — «Não se sabe bem o que é prece, senão depois de havermos abandonado a terra. Pela prece se conhece o estado de pureza da alma. Ela, quando sincera e humilde, estabelece em volta de quem a faz, tão luminosa e santa irradiação, que difficilmente espírito algum inferior se atreve a aproximar-se. E' cousa de maravilha vêr como ás vezes, de uma sórdida criatura terrena se desprende, em

suavíssimas efluviações, a luz esplendorosa da prece, que vai subindo em ondulações vibrantíssimas até se perder no espaço infinito onde reside Deus».

Comumente, não sabemos orar. Damos mais importância ás palavras que saem dos lábios, do que aos sentimentos que nos animam. Precisamos, pois, orar mais com o pensamento, deixando nossa alma partir em busca do Creador e Pae, pelo infinito afóra.

— «Porque, se eu orar numa língua estrangeira, verdade é que o meu espírito ora, mas o meu entendimento fica sem fruto. Que farei eu, logo? Orarei com o espírito, orarei também com a mente; cantarei com o espírito, cantarei também com a mente». (I, Cor. XIV-14-15). A prece é o recurso de que dispomos para mantermos a comunhão ininterrupta com Deus.

Quem ora com o espírito, ora também com a mente; quem canta com o espírito cantará também com a mente.

A diferença está apenas que a prece quando não é a repetição de fórmula preconcebida, é emanação da alma em busca de Deus!

A prece é uma evocação. Por meio dela, pomos o pensamento em relação com o Ente supremo, a quem é dirigida.

Pela prece o homem atrai para si o concurso dos bons Espíritos, daí Jesus afirmar «tudo quanto pedirdes pela prece, crêde que obtereis, e que vos será concedido» (Mar. Cap. XI), claro que não nos será concedido quando pedirmos-cousas absurdas.

A prece é uma súplica a Deus, e por extensão, a qualquer pessoa.

«Tudo o que pedirdes ao Pai pela prece êle vos dará», é categórico.

«Mas, quando orardes, não o façais como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagógas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Tú, quando tiveres de orar, entra em teu aposento e fechada a porta, ora ao teu Pai em secreto. Teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga» (Mat. VI-5/6).

Nas azas da prece receberemos as gotas de luz da misericórdia divina.

Orar é discorrer em público. Rezar é fazer oração à Divindade, sob uma fórmula preestabelecida.

Oração é a reunião de palavras, dis-

postas segundo as regras gramaticais formando sentido completo.

O Canto é uma serie de sons musicais formados pela voz. Cantar é formar com a voz sons ritmados e musicais.

A prece impõe uma série de circunstâncias para que possa surtir os efeitos desejados. O canto não; pode-se cantar desatento, maquinalmente, ao sabor do ritmo da música, repetindo estrófes...

Orar só os homens podem fazer. Cantar até os animais o fazem!...

Orar é mandar o coração pelo Infinito em busca do Pai e Creador!

Orar é, enfim, emudecer para dizer melhor!

Por isso é necessário cultivar o sentimento da prece para que ela se transforme num elemento de vida, indispensável como a respiração.

«A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nêle; é aproximar dêle; é por-se em comunicação com êle. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: *louvar, pedir, agradecer.*» (L. ESP. n.º 659.)

Na elevação do pensamento pela adoração contida na prece, o homem aproxima sua alma de Deus.

A adoração está na lei natural, pois, ela resulta de um sentimento inato na criatura, e é por essa razão que existe entre todos os povos, se bein que sob diferentes fórmãs.

Os selvagens, tinham os seus rituais de adoração, os seus cultos, aos seus Deuses, a quem louvavam, cantando ou dansando.

Santo Agostinho levanta as lages do túmulo e nos vem dizer: — «Vinde vós que desejais crêr. Os Espíritos celestes acorrem e vem anunciar-vos grandes cousas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros para vos dar todos os seus bens. Homens incrédulos, si soubesseis quanto bem a fé produz no coração e na alma, levando-a ao arrependimento e a prece! A prece! Ah! como são tocantes as palavras que saem da boca na ocasião em que se óra! A prece é o orvalho divino que acalma o grande calôr das paixões; filha primogênita da fé, ela nos leva pelo caminho que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus; para vós não ha mais mistério, pois Deus se vos manifesta. Apóstolos do pensamento, a vida é para vós; a vossa alma se desprende da matéria e vaga nêsses

mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos desconhecem. Caminhái, caminhái pelos caminhos da oração e ouvireis a voz dos anjos. Que harmonia! Não é mais o rumor confuso, não são os ruídos incômodos da terra; são as líras dos arcânjos, as vozes suaves e harmoniosas dos serafins, mais leves que as brisas matutinas baloiçando as folhas dos vossos bosques. Em que delícias não caminhareis, então? Os vossos idiomas não poderão definir tanta ventura, que tanto mais vos penetrará quanto mais viva e refrigerante fôr a fonte em que beberdes, quando orardes! Brandas vozes, embriagantes perfumes, que a alma ouve e saboreia quando se lança nessas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carniais, todas as aspirações são divinas. E vós também, orai como o Cristo ao carregar a sua cruz do Gólgota ao Calvário; conduzi a vossa, e sentireis as doces comoções que se passavam em sua alma, apesar de sobrecarregado com um madeiro infamante; êle ia morrer, mas para viver a vida celeste da morada de seu Pai». (Agostinho — Paris, 1861. EVANG. S/ESP.)

Sôbre êsse palpitante assunto diz *Dénis*:

«E' excelente começar as sessões por uma leitura séria e atraente de uma das obras ou revista espíritas escolhidas. Essa leitura deve ser objeto de comentários e permutas de apreciações entre os assistentes. E' êsse um modo de ensino mútuo, que nunca seria de mais recomendar». (*LÉON DENIS — NO INVISÍVEL* — pag. 155).

«O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para tôdas as manifestações sérias. (LIV. MED. pag. 542).

«Orai no começo e ao fim de cada sessão; no começo, para elevardes vossas almas e atraírdes os espíritos esclarecidos e benevolentes; ao terminar, para agradecer os benefícios e ensinamentos que houverdes recebido. Seja a vossa prece *curta e fervorosa*, e muito menos uma fórmula que um transporte do coração. A prece desprende a alma humana da matéria, que a escraviza, e a aproxima do divino fóco. Estabelece uma sorte de telegrafia espiritual, por cujo intermédio o pensamento do alto, respondendo à solicitação de baixo, desce ás nossas obscuras regiões». (*DÉNIS — Ob. cit.*)

Ninguém ignora, também, os efeitos

benéficos que a prece exerce sôbre os enfêrmos.— «Está entre vós algum enfêrmo?» (Thiago, V-14).

A Prece do Publicano

Ninguém melhor do que o Cristo bem frisou as condições indispensáveis para a melhor eficácia da prece. Há em Lucas aquela admirável passagem sôbre a prece do fariseu e a do publicano, que diz assim: «Subiram dois homens ao templo a fazer oração: um fariseu e outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava lá no seu interior desta forma: Graças te dou, meu Deus, porque não sou como os demais homens, que são uns ladrões, uns injustos, uns adúlteros: como é também êste publicano: Jejuo duas vezes na semana, pago o dízimo de tudo o que tenho. O publicano, pelo contrário, posto lá de longe, não ousava levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, sê propício a mim pecador. Digo-vos que êste voltou justificado para sua casa, e não o outro; porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado».

Onde, porém, a prece apresenta senos em toda a sua grandeza, em toda a sua mansuetude, é quando sai dos lábios do Cristo, nas seguintes expressões: — «Pai, é chegada a hora, glorifica a teu Filho, para que o teu Filho te glorifique a ti. Assim como tú lhe deste poder sôbre todos os homens, afin de que êle dê a vida eterna a todos aqueles que tú lhe deste. A vida eterna, porém, consiste em que êles conheçam por um só verdadeiro Deus a ti, e a Jesus Cristo que tú enviaste. Eu glorifiquei-te sôbre a terra; eu acabei a obra que tú me encarregaste que fizesse. Tú pois agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que eu tive em ti antes que houvesse mundo. Eu manifestei o teu nome aos homens que tú me deste do mundo. Eles eram teus, e tú m'os deste, e eles guardaram a tua palavra. Agora conheceram eles que todas as coisas que tú me deste vêm de ti: porque eu lhes dei as palavras que tú me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que eu saí de ti, e creram que tú me enviaste. Por eles é que eu rogo: eu não rogo pelo mundo, mas por aqueles que tú me deste, porque são teus. E todas as minhas coisas são tuas, e todas as tuas coisas são minhas;

e nêles sou eu glorificado. E eu não estou jamais no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que eles sejam um, assim como também nós. Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome. Eu conservei os que tú me deste, e nenhum dêles se perdeu, mas sómente o que era filho da perdição, para se cumprir a Escritura. Mas agora vou eu para ti, e digo estas coisas, estando ainda no mundo, para que êles tenham em si mesmos a plenitude do meu gôzo. Eu dei-lhes a tua palavra e o mundo os aborreceu, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Eu não peço que os tires do mundo, más sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo. Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade. E eu rogo não somente por êles, mas rogo também por aqueles que hão de crêr em mim

por meio da sua palavra. Eu lhes dei a glória que tú me havias dado, para que êles sejam um, como também nós somos um. Eu estou nêles, e tú estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tú me enviaste e que tú os amaste, como amaste também, a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou estejam também comigo aqueles que tú me deste, para verem a minha glória que tú me deste, porque me amaste antes da criação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu conheci-te, e êstes conheceram que tú me enviaste. E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lh'o farei ainda conhecer, afim de que o mesmo amôr, com que tú me amaste, esteja nêles e eu nêles também». (João, Cap. XVII—1 a 20).

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Maio de 1947.

QUE ACONTECERÁ, DEPOIS ?

J. HERCULANO PIRES

Um telegrama de Londres, enviado pela Reuters, vem pôr novamente em foco o problema das relações entre o Espiritismo e as diversas religiões. Diz o telegrama que a Igreja Anglicana deu a público, pela primeira vez, um relatório secreto admitindo a «crença da intervenção dos espíritos desencarnados nas experiências psíquicas». Em poucas palavras, e um pouco mais claro — admitindo a comunicação mediúnica, as relações do plano material com o mundo dos espíritos.

Aquele brilhante discípulo de Pestalozzi que fôï o doutor Leon Hypollite Denizart Rivail, médico e pedagogo dos mais conceituados na Europa do século passado, quando iniciou a sua codificação do Espiritismo fez uma curiosa advertência às religiões. Esta nova doutrina — afirmava êle, em outras palavras mas com êste exato sentido — não se destina a destronar seitas e substituir religiões. Seu objetivo é apenas o de restabelecer na terra, em toda a sua pureza primitiva, os ensinamentos do Cristo, deturpados através dos tempos e confundidos pela vaidade dos homens, sempre dispostos a tudo trans-

formarem, no proveito dos seus interesses pessoais ou de grupos. O Espiritismo surge num mundo que se divide ferozmente em dois campos opostos. De um lado, o materialismo e o positivismo, que negam os princípios espirituais, ganhando terreno diariamente em todos os países. De outro, as religiões tradicionais, estagnadas e encarceradas em seus próprios dogmas, impotentes para enfrentar o racionalismo científico da época, e perdendo terreno a cada momento que passa. O Espiritismo aparece como verdadeiro aliado das religiões, provando aquilo que elas não puderam provar, ou seja, a imortalidade da alma, e oferecendo a todas as correntes racionalistas a oportunidade e os meios, que dizem não existir, de se constatar objetivamente essa realidade.

No seu interessante livrinho «O que é o Espiritismo», Denizart Rivail, que se tornou mundialmente famoso e conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, esmiuça bem o assunto, mostrando as vantagens que todas as igrejas teriam, em aceitar o princípio da comunicação entre os vivos e mortos e intensifi-

car as pesquisas nesse sentido. Infelizmente, porém, as igrejas não pensaram assim. Viram no Espiritismo uma espécie de novo concorrente, a surgir na arena, justamente num momento melindroso. Conjugaram suas forças no combate ao novo credo, anatematizaram-no e expulsaram-no do seio das suas congregações. Kardec lamentou o facto e asseverou que, mesmo assim, as igrejas deviam ao Espiritismo um grande benefício. E' que o materialismo, já então vitorioso, fôra golpeado nas suas próprias bases. Dali por diante, as religiões não mais encontrariam tantas e tamanhas dificuldades para manterem no seu seio as grandes inteligências que delas desertavam. Experiências científicas das mais notáveis, realizadas por mentalidades da altura de um William Crooks, de um Richet, de um Aksakoff, de um Zoëllner e de muitos outros, asseguravam aos sábios o direito de se dizerem religiosos sem correrem o risco do ridículo. Entretanto, como os espíritas se tornavam cada vez mais numerosos, e as igrejas não os aceitavam, era preciso que se organizassem de maneira independente, constituindo, por assim dizer, não uma nova igreja, mas uma nova corrente religiosa. Foi, realmente, o que se deu. O Espiritismo é hoje uma corrente religiosa, sem dispor de uma organização no sistema das igrejas. Constitui mesmo uma forte corrente, que pode ser assinalada em todos os países do mundo, revelando assombrosa uniformidade nos princípios e práticas da doutrina, embora sem a superintendência direta de qualquer autoridade, pessoal ou coletiva.

Os espíritas, não obstante, alimentam, em toda parte, a velha crença kardeciana de que todas as religiões do mundo terminarão aceitando os seus princípios básicos, ou seja, o da intercomunicação entre vivos e mortos e o da reencarnação. Como base dessa crença, apoiam-se os espíritas nas experiências científicas

já realizadas, que demonstram a inegável existência de um princípio vital e inteligente, extra-corporeo, capaz de plasmar formas materiais tangíveis e entreter relações com os homens, e no facto, também bastante expressivo, de que todos os cientistas que até hoje se aventuraram a experiências neste terreno não puderam negar a evidência das manifestações, embora cada qual procurasse interpretá-las á sua própria maneira. Assim sendo, dizem os espíritas, a realidade da teoria espírita terá de se impor, mais hoje, mais amanhã, e as igrejas terão de aceitá-la, se não quiserem perecer.

Em S. Paulo, há pouco tempo, o dr. Oscario Cesar realizou algumas experiências nesse terreno. Segundo suas próprias declarações e trabalhos publicamente apresentados, teve o ilustre médico e curioso pesquisador a oportunidade de presenciar fenômenos dos mais espantosos. A tal ponto que, ao reafirmar, para uma reporter, as suas convicções materialistas, não negou que tivesse entrado em contacto com seres invisíveis, temporariamente tornados palpáveis, e que classificava como «habitantes da quarta dimensão».

Seria, êsse telegrama de Londres, a primeira notícia a animar de maneira mais concreta e positiva, a crença espírita de que as igrejas caminham para a aceitação dos princípios reencarnacionistas e mediúnicos? Se assim for, que consequências traria para o mundo, numa época de transição como a que vivemos, tamanha reviravolta em todos os dogmas fundamentais das diferentes crenças religiosas? E como teria a ciência de encarar novamente o facto, do qual se arredou, ao que parece, pelo simples motivo de não querer se envolver tão profundamente em questões que afetam o complicado terreno das religiões? São perguntas que aí ficam, para a meditação do leitor curioso.

«*Jornal de S. Paulo*» de 19-11-1947.

As ideologias de pura concepção humana sempre deixam após si, a destruição e o infortúnio, porque se estribam em mesquinhos interesses pessoais. Entretanto, elas são o brado de advertência a despertar as consciências no sentido de se nortearem segundo os preceitos cristãos, que não visam defender os interesses de uma casta ou partido, em detrimento da felicidade de uma grande maioria, mas o bem estar coletivo sob a égide da justiça e da fraternidade. — CAIRBAR.

A OBRA DE GELEY



— IV —

No capítulo sexto, Geley entre a estudar as teorias clássicas do subconsciente. A ciência clássica divide em duas grandes categorias as teorias do subconsciente: Teorias fisiológicas e Teorias puramente psicológicas.

As teorias fisiológicas se subdividem em: Teoria do automatismo e Teoria da morbidade.

Esse automatismo, porém, que se verifica em fisiologia, por exemplo, na circulação do sangue, não tem parentesco algum com as manifestações de um psiquismo inovador e criador, como existe no ser vivo. Pode ser inato e não depender de um costume adquirido durante a vida. Mas, seja inato ou adquirido pelo hábito, o automatismo não explica o caso das personalidades múltiplas, reveladas em alguns indivíduos, as quais dão provas de uma espontaneidade e de uma vontade autônoma. Não procedem conforme a um hábito automático, porque mostram direção e originalidade. Sua vontade é perfeitamente clara e diferente da vontade do indivíduo normal, ao qual pode ser até hostil, como no caso da Senhorita Beauchamps, estudado pelo Dr. Morton Prince. Como classificar de automatismo a atos que revelam vontade, espontaneidade, autonomia nas chamadas personalidades segundas, as quais se nos revelam ainda mais patentes no mediunismo? Manifesta-se por vezes um psiquismo completo, com faculdades próprias de querer, de saber, de discorrer; por vezes êsses conhecimentos são muito diferentes do indivíduo em seu estado normal, como no caso de conhecer uma língua que êle não sabe. Estas faculdades, nos casos mais notáveis, parecem nada ter de comum com as faculdades do médium. Como classificar êsses factos como automatismo?

E no caso das produções subconscientes de ordem artística, filo-

sófica, científica? A inspiração do gênio não pôde ser atribuída a automatismo do cérebro senão por um vício de raciocínio.

Vejamós o que se passa nas produções subconscientes:

«Eis aqui um primeiro caso típico: Um sábio, um artista, um pensador começa um trabalho. Encontra dificuldades imprevistas, luta por vencê-las, interrompe-se e, desanimado, abandona o trabalho. Com grande surpresa sua, a solução que havia procurado em vão, se lhe apresenta, algum tempo depois, sem o menor esforço, e o trabalho interrompido é acabado com incomparável facilidade».

Vejamos outro tipo:

«Um sábio, um artista, um pensador, etc. não prevê nem prepara o trabalho que vai realizar. Produz sob a influência de uma «inspiração» de todo independente ao seu desejo e à sua vontade, e em alguns casos, contrária ao seu desejo e à sua vontade. Não há aqui o menor indício de automatismo. Êste sábio, êste artista, êste pensador, não governa sua inspiração; é governado por ela».

A teoria da morbidade ainda é mais pobre, mais ilógica, mais arbitrária, mais vã. Admitir-se que a doença possa produzir o gênio, elevar o valor intelectual e artístico do indivíduo, é vício de raciocínio e está em oposição aos factos. Geley divide êsse capítulo em sete partes, demonstrando exaustivamente a incapacidade das teorias materialistas para explicarem o subconsciente. De passagem diz:

«Rousseau, enchendo páginas de escrita num arroubamento, sem esforço algum, sem reflexão, em lágrimas de alegria; Mussel, ouvindo um gênio misterioso lhe ditar seus versos; Sócrates, obedecendo ao seu «demônio»; Schopenhauer, recusando crêr que seus postulados

inesperados e não procurados fossem sua própria obra, procedem, de facto, como médiuns».

Nem há dúvida que a mediunidade é eterna e universal. Desde que existem Espíritos encarnados sôbre a Terra, seus Guias espirituais lhes dão inspirações e orientação. Só recentemente foi cunhada a palavra «médiun», mas expressa um fenómeno universal e eterno. Enquanto a ciência, oficial não estudar a mediunidade em todas as suas múltiplas modalidades, o homem será um mistério para ela. As hipóteses mais desconhecidas formarão um cipóal tenebroso. Geley é um pioneiro nesse sentido, mas encontrou barreiras tremendas nos preconceitos dos homens de ciência. No entanto, sua obra não morrerá. Os factos sempre repetidos se encarregarão de lembrá-la a gerações mais inteligentes no futuro.

E quando chegar êsse tempo, quando o cientista não for materialista, a ciência fará prodígios: transformará rapidamente o mundo. O médico será um sacerdote que tratará primeiramente da alma, para obter a harmonia do corpo; voltaremos às idéias de Sócrates que até hoje não

estão compreendidas nem praticadas. Há dois mil e quinhentos anos, Sócrates percebeu a verdade e disse:

«Se os médicos são mal sucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.»

Stefan Zweig, em seu excelente livro «*Heilung durch den Geist*» (A cura pelo Espírito), nos lembra que em todas as civilizações antigas o sacerdote e o médico eram um só homem. Mais tarde apartaram-se, cada um seguiu seu caminho, e assim ficou divorciado o Espírito da matéria.

A pouco e pouco a medicina irá compreendendo essa verdade. Os médicos como Geley, Pauchet e outros modernos estão dando passos para êsse grande progresso da humanidade: curar a alma para que o corpo seja são. Não pode ser transformação rápida, porque a cura da alma reclama séculos de trabalho. Temos nalma doenças milenárias a ser curadas!

☉ Fenômenos de Materialização ☉

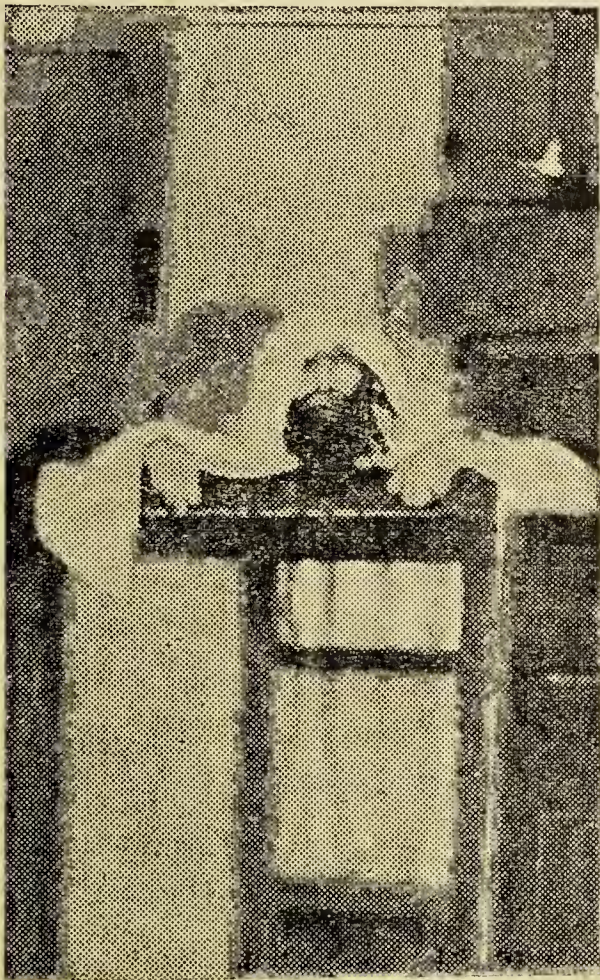
XI

Ata de reunião de Assembléia Geral do Grupo Espírita «André Luiz», em 8 de Fevereiro de 1947.

Aos oito dias do mês de Fevereiro de 1947 na séde provisória do Grupo Espírita «André Luiz», à rua Moncorvo Filho n.º 27, sobrado, ás vinte e meia horas, presentes os seguintes confrades: Antonio Alves Ferreira, Amadeu Santos, Jacques Aboab, Emilia Póvoa Santos, Salvadora Assis, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, Maria Madalena de Oliveira, Dulce de Fátima Oliveira, Dulce Santos, Vicente Viola, Risoleta Vilar Viola, Lais Teixeira Dias, Lenice Teixeira Dias, Inácio Domingos da Silva, Margarida Melich, Luiz Fernando Melich, Antonio Gonçalves, Victorino Eloi dos Santos, Alina dos Santos, Newton de Barros e Julio Barcelos, rea-

lizou-se a reunião de Assembléia Geral, previamente convocada pela primeira diretoria provisória, iniciada pelo canto coral do hino «Obreiros de Jesus» e de uma prece feita pelo Ferreira. A sessão foi presidida pelo confrade Antonio Alves Ferreira que convidou, ao que esta ata redige, para secretariá-la. Depois de expôr os motivos da presente Assembléia Geral e que colimavam, em síntese, o reajustamento do nosso Grupo com o eleger-se uma nova diretoria provisória que tratasse de elaborar os seus estatutos e tomar todas as providências indispensáveis a dar-lhes personalidade jurídica, de acôrdo com as leis vigentes; reorganizar a estrutura da sua diretriz, aparelhando-o de todos os recursos precisos aos seus vários departamentos; imprimir um rumo convencional e estruturar métodos con-

sentâneos com o bom andamento e o melhor rendimento dos nossos trabalhos e, finalmente, tomando as medidas preliminares e urgentes que se nos afiguravam obrigatórias em face de vulto e transcendência das nossas sessões, as quais teem tomado um caráter verdadeiramente científico e, principalmente, teem produzido excelentes resultados no sentido da melhoria e da cura dos nossos irmãos enfermos, através das nossas sessões de tratamento astral, pelo processo de transmutação de células, a cargo dos nossos guias espirituais. Estas medidas e providências



Fotografia do Espírito materializado de João de Deus

—informa ainda a presidência—eram tomadas à vista da conclusão a que chegara a primeira diretoria provisória, mormente depois da sessão anterior, de terça-feira, dia 4 do corrente, durante a qual os espíritos amigos que teem a missão de nos orientar, da Espiritualidade, nos encareceram a necessidade de nos reajustarmos e reorganizarmos, evitando a afluência de curiosos, por enquanto, pois que ainda estamos na fase nascente, e não dispomos, ainda, de um coficiente valioso em que os nossos guias encontrem uma

base de apóio e cooperação, de profunda sensibilidade de ordem afim e espiritual, condição imprescindível para as reuniões de tamanha responsabilidade e de tão sutil e significativo alcance moral e espiritual. Nesta citada sessão, ao que se comentou, apenas falaram, por voz direta, os espíritos de José Grosso e André Luiz, sendo que o Fidelinho produziu explosões de luz e um espírito (*) não identificado, materializou-se parcialmente, sendo batida uma chapa fotográfica. A presidência oferece a palavra livre para quem dela quisesse fazer uso, fazendo as sugestões que entendesse sôbre os assuntos em debate. O confrade Jacques Aboab propõe que, para a eleição da nova diretoria, deveria adotar-se o critério da escolha, pelo menos referente ao cargo de presidente de um companheiro que pudesse ser assíduo às nossas sessões e não estivesse obrigado, por exigência dos seus encargos profissionais, a ausentar-se constantemente da Capital, onde está sediado o nosso Grupo. O irmão Vitorino Eloi dos Santos, propõe que seja aproveitada a 1.^a diretoria provisória, a qual ficaria com poderes expressos para cuidar da reorganização do Grupo. Amadeu Santos, com a palavra, propõe que se proceda imediata e á eleição de nova diretoria, por escrutínio secreto, sendo que se escolheria apenas o presidente, ficando êste encarregado de apontar nomes para preencher os demais cargos da diretoria «ad referendum» da Assembléia Geral. Esta proposta foi aprovada por unanimidade, retiradas que foram, pelos proponentes, as propostas anteriores. O senhor presidente manda proceder logo á eleição o que se observa, escolhendo os confrades Vicente Viola e Lais Teixeira Dias para escrutinadores e acusando o seguinte resultado: Para presidente — Antonio Alves Ferreira, 19 (dezenove votos). Jaques Aboab 1 (um voto); e Vitorino Eloi dos Santos, 1 (um voto). Tendo alcançado maioria absoluta, o confrade Antonio Alves Ferreira foi considerado desde logo empossado no cargo de presidente, apresentando uma relação dos nomes

(*) Numa das sessões subsequentes ficou positivado tratar-se do espírito de João de Deus, ao tempo em que, na penultima incarnação, fôra hindú. Os traços fisionômicos, entretanto, como é fácil de se constatar, tem profunda similitude com os do festejado poeta luzitano. (Nota do cronista).

das pessoas que deveriam ocupar os demais cargos de diretoria, recebendo para logo o «referendum» da Assembléia Geral, sendo todos empossados pela presidencia. Ficou, pois, assim constituída a nova diretoria provisória:

Antonio Alves Ferreira, presidente; Jacques Aboab, 1.º vice-presidente; Amadeu Santos, 2.º; Newton de Barros, 1.º secretário; Lenice Teixeira Dias, 2.º; Antonio Gonçalves, 1.º tesoureiro; Vicente Viola, 2.º; Inácio Domingos da Silva, procurador; Luiz Fernando Melich, bibliotecário; Rodrigo Rodrigues de Oliveira, diretor da Assistência. Por proposta do confrade Vitorino Eloi dos Santos, deliberou-se considerar sócios fundadores todos os confrades que tomaram parte na reunião de fundação do Grupo, em seis de Julho de 1946 alguns dos quais estão domiciliados no Estado do Pará, e bem assim os que estão ausentes, mas que têm sido companheiros assíduos nos nossos labores espirituais, constituídos uns e outros das seguintes pessoas: Oliveiros Assunção de Castro, Delio Cabral Marques, Virgilio Pais dos Santos, Jandira Gení Gazeta Santos, Luiz Mesculin Junior, Florinda Mesculin Junior, Aleixo Vitor Magaldi, Francisco Peixoto Lins, Benedito Peixoto Lins, Euridice Ferreira, Marly Neto Ferreira, Dulce da Conceição dos Santos, Maria de Oliveira Jennè, Dasy Jennè, Alcina Teixeira Dias e Moralina Teixeira Dias. Ficou ainda deliberado o seguinte: 1) não serem admitidos, por enquanto, novos elementos nas sessões de tratamentos astral; 2) serem rigorosamente observados os horários de todas as reuniões do Grupo; 3) suspenderem-se, por prazo indeterminado os trabalhos de efeitos físicos com a produção de fenômenos de materialização, em vista do precário estado de saúde do médium Francisco Peixoto Lins, continuando, porém, os trabalhos de sábado, de tratamento astral com outros médiuns em desenvolvimento destacados pelos guias espirituais, com a formação de ambientes, por elementos do Grupo pelo processo de rodizio na residência dos doentes; 4) submeterem-se os trabalhos da casa á ordem e condições seguintes, além da reunião da diretoria, convocada a critério da diretoria: a) ás 3.as-feiras — reunião de estudos do Evangelho de Jesus, das obras fundamentais e da subsidiárias da Doutrina Espírita; b) ás 4.as-feiras — reunião para consulta e orientação aos

guias espirituais, a cargos dos confrades Vicente Viola, Risoleta Vilar Viola e Francisco Peixoto Lins; c) ás quintas-feiras — reunião da Juventude Espírita «Abel Gomes», sob a direção das nossas irmãs Lais Teixeira Dias, Lenice Teixeira Dias, e Margarida Melich; d) aos sábados — sessões mediúnicas, privativa dos confrades que já a compõem ou outros que venham a ser destacados pelos guias espirituais sob a direção dos membros da diretoria, presentes ás reuniões por ordem de escala do cargo que exercem; 5) estabelecer-se um quadro social, cuja contribuição mensal será facultativa, a partir de Cr. \$ 5,00, cinco cruzeiros, a contar do mês de Julho p. passado, sendo o pagamento dos meses passados, facultativo, e sendo considerados igualmente sócios em pleno gôzo dos direitos e sujeitos aos deveres a êles inerentes, os confrades cuja situação financeira não comporte pagarem suas mensalidades; 6) nomear-se uma comissão para elaborar o projeto dos estatutos do Grupo, ficando constituída dos seguintes irmãos: Amadeu Santos, Newton de Barros e Vitorino Eloi dos Santos; e, finalmente, por proposta do confrade Vicente Viola; 7) consignar-se em ata um voto de congratulações pelo trabalho realizado pela 1.ª diretoria provisória, óra extinta, e manifestar os augúrios de bom êxito dos trabalhos que a nova diretoria, recém empossada, vai empreender, para que encaminhe o nosso Grupo pelo caminho da harmonia, da paz e do progresso para que colime os elevados cometimentos a que êle se destina, objetivando o bem estar e a evolução espiritual de todos os sêres, quer incarnados, quer desincarnados. A nossa irmã Lais cáí em transe, pedindo se fizesse uma prece em benefício dos sofredores, do que se encarrega a nossa irmã Margarida Melich. O querido espírito de Abel Gomes, que há tempos nos dera uma orientação fecunda, sob a forma simbólica de um triângulo, formado pela palavra «aja», composta, como se vê, das iniciais dos três nomes dos primeiros idealizadores da fundação do Grupo, comunica-se por um dos médiuns presentes, dando-nos salutes e elevados conselhos, congratulando-se, em seu nome e no de todos os nossos guias espirituais, pelo êxito atingido com a presente reunião, a qual marcava um passo firme na escala do progresso da nossa nóvel e modesta agremiação. A nos-

sa irmã Lenice Teixeira Dias sugere que seja cantado o hino «De Joelhos», da autoria da poetisa Patrícia Auta de Souza, numa singela mas sincera homenagem àquele espírito amigo, pela passagem do seu aniversário de desencarnação, ocorrido na presente data, o que fez com toda a unção espiritual, com aprovação geral e com o agrado manifesto de todos. O snr. presidente incumba a nossa irmã Salvadora de Assis de proferir a prece final,

com o que declarou encerrados os trabalhos em nome de Deus, de Jesus, do nosso patrono e demais guias do Grupo. E nada mais havendo a tratar, eu, Amadeu Santos, secretário «ad-hoc», lavrei a presente ata que vai por mim assinada com o Snr. presidente.

Amadeu Santos, secretário ad hoc.

(a) Antonio Alves Ferreira, presidente.

“Data Venia...”

Arnaldo

S. Thiago

Parece incrível que sómente agora, após dois anos da sua publicação em «Estudos Psíquicos» (N.º de Junho de 1945), venhamos pedir vênua ao Snr. Ramos Pereira, erudito crítico literário da revista em apreço, para tecer alguns comentários em torno das apreciações feitas por S. Ex. ao livro de nossa autoria «Comentários à História das Religiões»! É que só agora nos veio às mãos êsse número da revista.

Não que pretendamos, em mínima forma que seja, modificar o juízo de S. Ex. a respeito do mérito da obra: ninguém pode ser juiz em causa própria. Apenas para cumprir o dever moral de demonstrar, afirmando-o, qual o objetivo que tivemos, ao dar a público êsse livro, é que nos abalançamos a dizer o que se segue.

Antes de tudo, queremos declarar que longe de nós esteve o intuito de fazer obra de erudição. Propusemo-nos, sim, a extrair da ganga imensa da História das Religiões, o elemento espiritual que em todas as crenças se encontra, como o diamante precioso num montão de cascalho. Para êsse fim, exclusivamente para êsse fim, confessamo-lo com sinceridade, foi que procurámos basear os nossos «Comentários» (títulos que se nos afigura nada ter de imodesto), especialmente sôbre as obras de um autor materialista — Reinach e outro, católico — Huby.

Não foram os únicos que consultámos; mas os que, reafirmamos,

nos proporcionaram material para a nossa análise. E esta foi orientada no sentido de exumar o *sentimento* religioso, existente nas crenças de todos os povos, do amontoado de fórmulas litúrgicas, de ritualismos, de símbolos, a que se apegam os autores, em geral, quando escrevem, especialmente se tem estrito critério científico, sôbre a história das religiões. Uma leitura atenta de «Comentários» revelará a procedência do que alegamos.

Tivesse querido o eminente crítico luzitano considerar êsse nosso objetivo, melhores probabilidades se lhe apresentariam de encontrar o pensamento orientador do trabalho ao qual demos, por isso, o título singular de «Comentários».

Aliás, no prefácio chamamos a atenção do leitor para as «grandes deficiências que no livro se encontram, as quais serão a seu tempo, supridas».

De tal modo se revelam claros, no conjunto da obra, os nossos intuitos, que a êles se referem quase todos os críticos que se dignaram apreciá-la.

«Mundo Espirita», em seu número de 2 de dezembro de 1944, assim se externa: «Para os desejosos de conhecer a extraordinária e incessante movimentação do sentimento religioso dos povos, através do tempo, não poderão encontrar melhor e mais seguro guia que essa valiosa obra de pacientes pesquisas e meditado estu-

do com que o autor vem de brindar a nossa literatura».

«Reformador» em sua edição de Dezembro de 1944, assim finaliza a sua extensa apreciação de «Comentários»: «Se outro mérito não contivesse, «Comentários à História das Religiões» se recomendaria pelo facto de vir dotar a bibliografia religiosa de mais um trabalho que situa o Espiritismo no lugar que lhe é devido entre os sistemas religiosos vigentes». Em outro tópico, há uma referência ao pensamento que orientou o autor da obra, para se lhe fazer justiça, nestes termos: «Logrou a êsse respeito alcançar o seu desiderato, ... quer esclarecendo aspectos que tem permanecido obscuros em virtude da posição em que se collocaram autores credenciados, mas sujeitos a influências que não vem a pêlo discutir...»

J. L., um ilustre acadêmico que mal se encobre sob essas iniciais, escrevendo na «Revista da Semana», de Janeiro de 1945, diz, entre outras coisas: «Um aspecto novo, é de apontar-se, apresenta a obra do professor Santiago: a feição espiritista dos «Comentários» escritos, aliás, com abundância de conceitos, clareza e no rico estilo a que o Autor já se acos-

tumou a nos habituar. É obra, pois, de inegável mérito e indispensável à cultura, de espiritistas ou não, e que tem, sobretudo, a virtude de demonstrar que, no fundo, as religiões são formas da Religião, parcelas de uma soma, de um todo doutrinário, de que sobressai a verdade cristã do Deus Único».

Vê o Snr. Ramos Pereira que foram diversos os críticos que encontraram o nosso pensamento orientador na organização dêsse pequeno trabalho: procurar o espírito que vivifica e extrai-lo da letra que mata.

Feita esta ressalva, o mais que se possa dizer, pró ou contra «Comentários à História das Religiões», depende do ponto de vista em que se coloca o leitor. Que o nosso intuito, sincero e bem intencionado, seja reconhecido, é o que, *data venia*, a todos solicitamos.

Queremos, outrossim, aproveitar esta oportunidade para uma retificação: Em a nota (5), pag. 332 atribuímos a autoria de «O Chanceler de Ferro» a Emmanuel, quando a mesma é de J. W. Rochester, sendo o médium W. Krijanowsky.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1947.

As Obras de Assistência Social

AURELIO A. VALENTE

HA tempos deparámos com uma notícia que nos comoveu, a organização de uma sociedade com o fim exclusivo de auxiliar a viúva do antigo propagandista João Pinto de Souza, cuja situação era aflitiva.

As condições dessa desventurada viúva não representam exceção. A maioria dos espíritas é pobre, quase todos vivem exclusivamente de ordenados e bem modestos. Nós conhecemos o estado em que se encontram as viúvas dos confrades que estiveram em evidência, mas... que sabemos das mais humildes? Nada, simplesmente nada. E por que acontece isso? Em grande parte por nossa própria culpa.

Os espíritas desejam resolver o problema da miséria, da mendicância, da orfandade com asilos, hospitais, dispensários,

abrigo noturnos, quando essa tarefa apenas é improficua. Essa iniciativa e dever, cabe exclusivamente aos poderes públicos, para êsse fim todos pagamos elevados tributos, direta ou indiretamente.

Não queremos de modo algum opprimo-nos ao abençoado ponto de vista e iniciativa dos nossos confrades que em bôa hora tomaram a si a incumbência de encargos tão altruísticos, mas, a nosso ver, os nossos confrades em sua maioria aventuram-se a empresas que ficam desde logo sob a ameaça de fracasso ou passam a viver com dificuldades inauditas, e para obviar êsses precalços valem-se de pedidos contínuos aos já exgotados companheiros, e quando não são atendidos ficam sujeitos ao juizo temerário dos outros. Ninguém se lembra de que muitos já

atingiram o limite de suas possibilidades.

Conhecemos alguma cousa do que se passa no Asilo do Cristo Redentor, por isso, podemos dizer que nos últimos tempos nenhuma instituição espírita, protestante, católica ou maçônica fez mais, nenhuma já obteve um nível tão elevado de recursos, nenhuma chegou a amparar tão numeroso contingente de mendigos. todavia, quem conhecer a situação da *cidade maravilhosa*, tem a impressão que existe um completo abandono pela sorte dos pobres. As ruas continuam cheias de mendigos, de gente de miserável condição.

Numa época em que todos alardeiam que é preciso — *seguir o mestre* —, porque não são as suas obras melhor estudadas? No livro «*Obras Póstumas*» Allan Kardec escreveu o seguinte: «*Por isso nos opomos, com todas as forças, a que os espíritas fundem, prematuramente, qualquer instituição especial apoiada na doutrina, antes que esta assente, em bases sólidas. Seria exporem-se a decepções inevitáveis, cujo efeito seria desastroso, pela impressão que produziria no público e pelo desânimo que traria aos próprios adeptos.*»

E' ainda do nosso Mestre o seguinte: «Um ponto essencial na economia de toda administração previdente, é que a sua existência não fique dependente de eventualidades, que podem falhar; mas de recursos certos, regulares, de maneira que a sua marcha não sofra embaraços, haja o que houver. E' preciso, pois, que as pessoas de cujo concurso ha mister, não tenham que se preocupar do futuro. Ora, a experiência demonstra que devem ser reputados aleatórios os recursos, que não procedem senão de cotizações facultativas, quaisquer que sejam os compromissos, além de serem de difícil cobrança. Contar com recursos eventuais para despesas permanentes e indeclináveis, é falta de previdência, que um dia trará dissabores».

Estas recomendações são fruto da prudência, filhas do bom senso.

Uma grandiosa elevação de senti-

mentos induz os espíritas a praticarem a caridade sem preferência de côr, raça ou credo, todavia, é mister haver estado na direção de uma sociedade beneficente para saber-se o quanto de exploração vai por êsse mundo afóra. A esmola, simplesmente, não educa, não regenera, pelo contrário, alimenta mais os ociosos que os verdadeiramente necessitados, porque êstes se envergonham de pedir, aqueles desejam continuar na própria miséria porque é o seu meio de vida. Os espíritas na ânsia de auxiliar — *os outros* — esquecem de si e dos seus.

Precisamos também cuidar de nós. Como praticar solidariedade se não nos congregamos? Como haver fraternidade sem auxílio mútuo? E' necessário pensarmos na situação da viúva João Pinto de Sousa, ela é um exemplo e não é única, outras devem estar nas mesmas condições.

Foi depois de meditar sôbre êsses acontecimentos que o nosso estimado confrade Diamantino Coelho Fernandes reuniu em torno de si diversos confrades e expôs a sua louvável e magnífica idéia que se concretizou na fundação na «*União Espírita Brasileira de Educação e Saude*». Essa instituição é dos espíritas para os espíritas. Ela tem por objetivo o amparo mútuo dos adeptos da nova revelação. Quantos dos nossos confrades, ao desencarnarem deixam a família sem recursos até para o próprio entêrro? Quantos confrades lutam com dificuldades para encontrar uma escola leiga, inteiramente emancipada de qualquer preconceito religioso? Disso tudo cuida a UEBEA.

Até agora só conhecemos uma instituição espírita que ampara a família dos seus associados com pecúlios, a «*União Espírita Paraense*». Essa organização possui, desde 1928 a sua Caixa de Pecúlios, tendo já beneficiado mais de cento e cinquenta famílias.

O programa da UEBEA será realizado com grandes resultados, desde que, os espíritas de todo o Brasil dêem o seu apôio a êsse nobre e magnificante instituto.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

O espírito de Olive T., que já se manifestára pela médium em várias ocasiões, voltou outra vez e, falando sobre a felicidade de ser-se útil ao próximo, discorreu acêrca das tentações da sociedade, da excitação da vida do cinema e da necessidade de prevenir-se contra o uso de drogas. Pediu, a seguir, permissão para trazer um espírito em estado de perturbação e que tinha necessidade de ser doutrinado.

Tal espírito, que parecia em estado de desmaio, então se incorporou na médium, balbuciando a princípio, para começar a debater-se desesperadamente, como se sob o peso de grande dôr e angústia.

Sessão de 9 de Outubro de 1923
Espírito: Wallace Reid — Médium:
Sra. Wickland

Médico — Dizei-nos quem sois vós. Já verificastes que perdestes o vosso corpo físico?

(O espírito parecia não ouvir, pois gemia incessantemente e se retorcia todo, como se torturado).

Méd. — Podeis falar? Compreendeis que sois um espírito?

(Nenhuma resposta; as contorsões do corpo continuando).

Méd. — Procurai falar. Quem sois?

Esp. — (Fracamente), Wally.

Méd. — Wally de que?

Esp. — Wally R.

Méd. — Fazei um esforço para falar, usai a vossa vontade. Procurai compreender a vossa situação e então auxiliar-vos-emos.

(O espírito continuou a debater-se e gemer).

Méd. — Procurai falar; podeis fazê-lo. Esquecei o passado, abandonai vossos antigos hábitos. Não tendes mais o vosso corpo físico. Estais usando o corpo de outrem. Fazei um esforço para falar, despertai.

(Nenhuma resposta se obteve).

Méd. — Esquecei o passado, olhai o futuro. Conheceis Olive T.? (quem havia precedido o espírito).

(A inteligência gemeu e levantou as mãos, em gesto de súplica).

Esp. — (Fracamente). Minha esposa!

Méd. — Vossa mulher não está aqui.

Esp. — Onde está ela?

Méd. — Não está aqui. Amigos nossos vos trouxeram aqui. Procurai reanimar-vos. Muitas pessoas há que deixam o corpo físico nas condições em que o fizestes (sob a influência de narcóticos) e permanecem em torpor certo tempo. Já é tempo, porém, de despertardes. Podeis vêr Olive T. aqui?

Esp. — (Num sussuro). Estou doente.

Méd. — Deveis esquecer-vos de tal coisa. Já acabou a vossa doença. Deixastes o corpo material há tempos. Não verificastes isto? Sois agora o que se chama «morto», porém não estais, na verdade, morto; perdestes apenas o corpo físico e viveis a vida do espírito. Estais usando temporariamente outro corpo. Olive T. e outros amigos vos trouxeram aqui. Estivestes numa condição especial. Não vos sentis melhor agora?

(O espírito se movia languidamente, como se observando um grupo de invisíveis.)

Méd. — Quem estais vendo? Tentai falar. Compreendei, não tendes mais corpo físico; estais aqui como espírito utilizando-vos dêste corpo, que pertence à minha esposa. Viestes aqui para ser doutrinado. Procurai recuperar a vossa personalidade. Sempre apreciamos os vossos filmes. Despertai, mostrai o que sois. Não penseis que estais sonhando, pois não estais.

(O espírito tornou a erguer, súplice, as mãos)

Méd. — Vêdes os nossos amigos?

Esp. — Estou morrendo.

Méd. — Já fizestes a vossa passagem. Perdestes o vosso corpo físico. Vedes os nossos amigos?

Esp. — Sim, mas vou morrer.

Méd. — Não podeis morrer novamente.

Esp. — Vejo tantas pessoas que já morreram.

Méd. — Elas, na verdade, não morreram. São espíritos como vós. Já deixas-

tes o vosso corpo mortal. Sois um espírito, mas ainda não compreendestes o vosso estado. Este corpo que estais usando não é o vosso. Perdestes o vosso corpo e ainda não despertastes para a vossa verdadeira situação. Amigos vos trouxeram aqui afim de que sejais ajudado.

(Porém o espírito não estava em condições de ser doutrinado e foi levado para o Espaço).

Um dos espíritos guias veio então e disse: «O outro espírito estava tão esgotado que não podia ser despertado, porém já agora poderemos tomar conta dele. Está muito fraco. Não dominou ainda seu antigo vício. Trouxemô-lo, para que então o levassemos para o mundo espiritual.

Olive T. e outros se dedicam a ajudar aos que estão naquela situação especial — espíritos errantes que tinham o vício da morfina. Muitas vezes, quando na Terra, não têm o vício, mas são influenciados por espíritos que o tinham e que penetraram em suas auras magnéticas.

Muitas pessoas são facilmente influenciadas, porque têm temperamento nervoso e os atraem, ficando obsedadas.

Vamos ajudar aquele moço e algum dia êle voltará de novo. Então dirá da sua experiência porque, no momento, não pode falar, tal o seu estado.

Êle vai gradualmente despertando, mas está perturbado ainda e não pode compreender a vida espiritual. Tem estado em muitos lugares e muito tempo em companhia da esposa. Ela o ajudou a combater seu vício, mas êle estava muito fraco para entender tal coisa. Ficou sem poder de resistência.

Depois que desincarnou, seu espírito ficou mergulhado numa espécie de sono causado pela morfina. Até agora tem estado perambulando, em estado de semi-consciência no plano terreno, em busca do lar e família, procurando saber onde estava. Pensou que estivesse perdido.

Fizemos tudo por nos aproximarmos dêle, mas isto foi muito difícil. Agora o teremos sob nosso cuidado».

Crônica Estrangeira

Uma confissão

Por Frederico Duarte — Manchester

Recebi uma carta dum amigo muito íntimo de Portugal da qual dou a seguir um extrato: —

«Fez-me muito bem a sua carta de 21 «do corrente. Gostava de poder ou saber encarar assim a vida, os factos, os acontecimentos, mas você compreende, «falta-me a preparação. Você consegue «essa vitória sôbre sí mesmo porque «desde há anos vem dominando o seu «EGO e hoje faz dêle o que quer. Ora «eu não tenho sôbre os nervos, sôbre «o espírito, nem tão pouco sôbre a «matéria, o domínio que você tem, e «sou vítima de mim próprio, das influências alheias e até mesmo do próprio ambiente. E agora julgo que é «tarde para aprender a dominar-me. E «depois, não tenho como você a idéia «religiosa a nortear-me a mentalidade. «Você tem fundas crenças a dominá-lo «e a animá-lo e eu não segui escola

«nenhuma e hoje sou quase um ateu».

Tive sempre uma grande admiração pelo talento, conhecimentos e honestidade dêste grande amigo, com quem me correspondo regularmente. Tem passado por muitas tribulações, peripécias, infortúnios e as chamadas «misérias da vida», tendo até por umas duas vezes, devido ao seu idealismo político, sido encarcerado numa prisão!

Ora o meu amigo ainda não «arreou», e continua vivendo «com a Graça de Deus», na companhia duma adorável esposa e uma galante e simpática filha.

Creio ser uma tolice confessar-me a sua fraqueza. Hoje em dia não há velhos, existindo positivamente a possibilidade de, não só êle, como milhares de pessoas em idênticas condições, se resolverem a «enterrar o passado» e a começarem «vida nova».

Confesso que até aos meus 25 anos eu acreditei que havia Céu, Inferno e Purgatório. A religião que me foi inculcada quando criança, motivou a eu ter

um certo «medo» e receio de começar a estudar e a interessar-me em assuntos psíquicos.

Tendo saído de Portugal para a Inglaterra aos meus 21 anos, adaptei-me facilmente ao novo meio.

Minha mãe faleceu em 19 de dezembro de 1924 e a minha família sómente me deu essa notícia depois de ter sido enterrada, chegando-me aqui em 29 de dezembro.

Mas, coisa curiosa, não passei o Natal com alegria, muito convencido de que dum momento para o outro eu haveria de receber a notícia sôbre o desenlace de minha mãe.

Ora, êsse pressentimento foi motivado por, precisamente na noite de 19 de dezembro e quando já deitado na cama, ouvi um terrível estrondo que me assustou e me obrigou a investigar dentro e fóra da casa sem resultado algum. Êsse signal foi de tal modo que não pude imitá-lo ou encontrar dentro do quarto e fóra dêle qualquer objeto o qual, atirado contra a parede, ressonasse assim.

Umás semanas depois, e, encontrando-me um tanto cansado, fui para a cama, e ao apagar a luz, apareceu-me aos pés da mesma, a minha mãe, sorrindo-se e proferiu as primeiras sílabas do meu nome... FRE... DE... mas, assustei-me de tal fórma que desconcertei a vibração!

Não disse nada a ninguém, e no dia seguinte que era um domingo, fui pela primeira vez visitar uma Igreja Espiritista.

A médium fez-me uma revelação tal que desde essa noite me converti ao Espiritismo.

«A sua mãe está aqui», disse ela, e quer que você estude as ciências psíquicas e dentro de pouco tempo receberá uma grande revelação.

Em facto, terá a oportunidade de ver, falar, apalpar e beijar a sua mãe.»

Acreditei que tal viria a dar-se pelo facto da médium me ter dito o que se passov na noite passada, descrevendo em detalhe a minha mãe, incluindo uns brincos nas orelhas e um alfinete de peito que ela usava com a fotografia do meu pai. Enfim, era impossível para mim negar o acontecido. Foi por conseguinte a minha mãe a iniciadora da minha humilde pessoa ao Espiritismo!

Cumpri com os desejos de minha mãe, estudei e atendi a numerosos «meetings», scéances, etc. tendo sido até

um dos intérpretes do Congresso Internacional dos Espiritistas em Glasgow, e há uns anos já um investigador de fenômenos psíquicos.

A's segundas-feiras sentei-me regularmente num «Home Circle» conduzido em casa da famosa médium de transfiguração, Madame Bullock, e ali recebi numerosas provas de que a morte não existe e é tão natural ver, ouvir, falar e apalpar os chamados «mortos» como os próprios vivos.

Numa dessas scéances deu-se uma noite um caso muito interessante. Estávamos todos os presentes muito alegres. A Madame Bullock caíu no seu trance profundo e uns momentos depois transfigurou-se a minha mãe, falando-me em português.

Subitamente e sem saber francamente como isso se deu, eu levantei-me e comecei a cantar «A Minha terra, terra abençoada...» e minha mãe cantou em dueto comigo!

Os seis amigos presentes começaram a gritar «Bravo! Bravo! e a baterem palmas, com o resultado de a médium ter sido perturbada e retomado o seu estado normal. Ora, nós, espiritualistas, sabemos que quando um médium está em trance ignora o que se passa ao redor, e assim, a Madame Bullock ao retomar o seu estado normal olhou para mim e disse — FRED, a tua mãe está aqui e a rir-se muito. Pede-me para te dizer que está muito contente por ver que ainda te não esqueceste de cantar o «Solo Mio» em português!

Quando dissemos à médium que a minha mãe também tinha cantado comigo em português por seu intermédio ela ficou admirada, especialmente devido ao facto de não saber ela uma única palavra em português. Esta prova, assim como muitas outras incluindo as visitas que recebo de meu filho positivamente que não podem de modo nenhum ser ignoradas pela minha pessoa.

O meu conselho a todos aqueles que se encontrem em condições idênticas à do meu amigo de Portugal, é êste:

Aprendam em primeiro lugar a ORAR, fazendo isso regularmente, todos os dias ao deitar e levantar da cama. A melhor prece que conheço é o Pai Nosso, o qual recito sempre em português ou em inglês.

Devem orar com a sua «alma» e não com a boca!

Compenetrem-se de que *existe* um SÊR ONIPOTENTE criador dos Céus e da Terra.

Estudem, leiam obras de bons autores, que felizmente existem aos milhares em toda a parte.

Leiam com regularidade jornais e magazines sôbre o Espiritismo.

Frequentem assiduamente um templo espírita.

Tratem de desenvolver as suas faculdades psíquicas, não sendo preciso sair de casa para isso.

Arranjem com umas cinco ou seis pessoas amigas de ambos os sexos a reunir-se regularmente numa determinada hora e dia.

Nesses chamados «Home Circles», tenho eu recebido por muitas vezes provas concretas sôbre a sobrevivência, tendo até ouvido e falado em mais duma língua.

Não tenham «medo», pois os mortos não fazem mal a ninguém!

Preparem-se cá na terra para dum momento para o outro abandonarem as suas carcaças.

Não sejam egoistas, invejosos e cruéis, miseráveis e avarentos. Vivam para hoje e façam o seu testamento, ficando assim preparados a sair dêste mundo sem deixar por cá as suas coisas, bens, etc., numa barafunda e confusão, causando dôres de cabeça, consumições aos seus herdeiros.

Um belo dia quando fiz uma conferência sôbre a vida e a morte, perguntei à assistência quantos alí estavam que tinham feito o seu testamento e se encontram preparados a «morrer» dum momento para o outro. Menos de 10% foi a resposta que consegui!

Estou convencido que todos os indivíduos que seguirem à risca os meus conselhos acima indicados, recebem e receberão com facilidade provas sôbre a sobrevivência.

E finalmente, quando entrarem num

templo espírita ou se sentem num «Home Circle» apaguem das suas mentes con-sumições, negócios, etc., etc., resistindo contra os «vai-vens da sorte», conservando-se assim livres de maus pensamentos, com a mente e consciência francas para poder receber as mensagens e inspiração dos seus amigos espírituais.

*

O cachimbo perdido

Um leitor de *The Two Worlds* escreve a êste periódico o que segue:

«Na semana passada, ocorreu-me uma dessas pequeninas cousas que me fez refletir profundamente. Estava eu a conversar com um amigo, homem de negócios, quando êle me ofereceu a sua bolsa de fumo, oferta que aí pesarosamente recusei. «Perdi o meu cachimbo, meu velho,» expliquei. Como acontece entre as que fumam cachimbo, êle lamentou-me profundamente, e disse, em seguida, «Vou dizer-te onde está o teu cachimbo; está em tua casa, e tão a salvo como a própria casa. Deixaste-o cair ao lado de uma cadeira ou cousa que o valha, e ainda lá continua». Esta afirmativa foi, para mim assombrosa, visto êsse senhor nem ao menos conhecer o meu enderêço. Todavia, lembre-me que êle descobria cousas a semelhança desta, assim pús-me a procurar aos lados de todos os móveis, quando cheguei a casa.

* * *

Descobri um cachimbo, deitado, como foi descrito, ao lado da papeleira no meu quarto. *Porém, não era o cachimbo que eu perdera!* Era um que eu havia abandonado cêrca de doze mezes atrás, e cuja existência se varrera completamente de minha memória. O cachimbo número dois foi de novo, posto em serviço; o número um continua desaparecido.

Qual a explicação? Telepatia? Clarividência?



Orai com as vossas boas obras e vigiai com os olhos da humildade e da prudência, porque os escorpiões das trevas vos assediam com o fim de causar divisão e desordem. Que o vosso trabalho seja para engrandecer a doutrina, se realmente desejais fazer jús ao salário divino, cujo pagamento não é feito nem com o ouro e nem com a prata, mas com as graças de Deus. — CAIRBAR.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Urbano de Assis Xavier,
na Bahia

Aproveitando a sua estadia ligeira nesta capital, o confrade Urbano de Assis Xavier procurou os centros espíritas principais, para lhes trazer a palavra fraterna dos confrades de S. Paulo e dizer algo sôbre coisas do Espiritismo, nas «belas terras do país do Sul», como diria Castro Alves.

A primeira palestra foi na «União Espírita Bahiana», dia 26 de Outubro último, pela manhã. A segunda, na «Confraternização Espírita Bahiana», no mesmo dia, á noite. A terceira, dia seguinte, no «Instituto Kardecista»; e a quarta, dia 28, no «Deus, Cristo e Caridade». Temas respectivos: «O Espiritismo prova a immortalidade do Espírito», «Como em mim se manifestou a mediunidade», «Fenômenos de voz diretã» e «O Espiritismo, no seu tríplice aspecto de religião, filosofia e ciência».

II

O que nos chamou a atenção e fez, em verdade, empolgar e comover a assistência foi o cunho prático que Urbano de Assis Xavier, conferiu às suas palestras. Em todas elas, sua preocupação era focalizar a perpetuidade da vida espiritual.

Discorrendo, desataviadamente, sem ares oratórios, sôbre os assuntos indicados, ele nos levava, instintivamente, ao capítulo da immortalidade da alma. Como? Pela exposição magnífica dos factos espíritas, que ele assistira. Ele os expôs com arte, de uma maneira tão simples e natural, que a gente tinha a impressão que eram os mesmos factos que se reproduziam, ao vivo, na tela da nossa visão. As minúcias, as circunstâncias que precediam, rodeavam e se sucediam aos fenômenos relatados, ele as revelava, sem fórmulas teóricas, como um viajante que, ao chegar ao seio da família, contasse ao natural, por palavras, gestos e exclamações, o que vira e sentira, tanto pelas atribulações, como pelos estos de alegria por que passara.

Foram momentos inesquecíveis de emoção e espiritualidade. Porque o prele-

cionador nos impressionava pela verdade com que se exprimia. Nada de fingido. Nada de exagero. Nenhuma sombra, a mais leve sequer, de vaidade. Era o espírito do Senhor, eram as potências invisíveis do Além, era a grandeza do Espiritismo que animava o bom discípulo de Jesus ou lhe fazia com que suas palavras vitalizassem os nossos corações, alguns deles — quem sabe? — amarelecidos pela ausência de sol...

III

Efetivamente, o problema supremo do propagandista espírita é provar a existência autônoma do espírito, isto é, que nós não morremos. Porque tudo mais virá de acréscimo. Enquanto a humanidade não se impregna dessa convicção, a desordem, oriunda do egoísmo, sob as suas múltiplas variedades, imperará no seio da nossa falsa civilização, uma civilização que alimenta ainda o «poder militar», para matar os nossos semelhantes, e tolera «associações de classe religiosa», para explorar a consciência, a fé, a serviço de toda sorte de utilitarismo.

E de que meio serviremos para a prova da immortalidade do nosso sêr?

Não ha outro senão pelos FACTOS psíquicos ou espíritas. Nisto consiste a superioridade incontestável da doutrina espírita. «Os FACTOS, eis o verdadeiro critério dos nossos juizos», escreveu KARDEC, no Liv. dos Esp., Int. XXII, «E' PELOS FACTOS que chegamos à teoria» (Liv. Médiuns, pag. 38,18 ed.) Vale dizer que o espiritismo é CIÊNCIA pura, porque vive do que é real, visto e examinado. Daí êste profundo conceito: «Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem estar em êrro, acerca de um ponto qualquer, êle se modificaria nêsse ponto; se uma verdade nova se revelar, êle a aceitará» (GÊNESIS, Cap I, n.º 15).

IV

As religiões outras não são científicas, porque se afastam do exame dos factos e, portanto, se privam de uma teoria racional. No Espiritismo, não: ele possui uma teoria calcada na experiên-

cia. A teoria e a prática se correspondem. O fenômeno é quem determina o raciocínio. O raciocínio é o autor da fé, oriunda do fenômeno. Nestas condições, a fé do espírita é livre, espontânea, não imposta ou não aceita pela cabeça dos outros. Reveste-se também de científica, pelo lado psicológico e social,— eis que a ciência se desenvolve, de preferência, no ambiente de liberdade, para libertar da ignorância homens e povos.

Enquanto a fé católica ou protestante vive em função da IGREJA, a fé espírita se exerce, em função do progresso e da humanidade. Como nos ensinou S. Lucas, 4—18, 19: «O Espírito do Senhor enviou-me, para sarar os quebrantados de coração e pôr em liberdade os cativos e oprimidos».

Destarte, se a fé espírita é um produto da Ciência e, pois, dos factos psíquicos, não resta a menor dúvida que o papel predominante do propagandista é provar a imortalidade do espírito. Os assombrosos fenômenos que se verificam no Sul do Brasil não têm outra significação, material e, sobretudo, moral ou regeneradora da consciência humana.

Eis porque a dialética de Urbano de Assis Xavier conseguiu atrair, fortemente, a atenção da assistência numerosa, tão assombrosos foram os casos que êle narrou e que tão fundo caíram na alma dos espíritas bahianos.

Foi pena que os médicos e doutores outros faltassem a tão exuberantes palestras.

(as.) — *Eusíbio Lavigne*.

De Recife — Pernambuco

Foi fundada nesta capital a Comissão Estadual de Direção, Orientação e Propaganda do Espiritismo em Pernambuco, constituída da Federação Esp. Pernambucana, Cruzada Esp. Pernambucana, Liga Esp. de Pernambuco, Casa dos Espíritas de Pernambuco, Instituto Esp. João Evangelista e União Esp. de Pernambuco, de conformidade com o plano de organização traçado pelo codificador da Doutrina, sr. Allan Kardec, visando a unidade e a eficiência da propaganda dos postulados da Filosofia Espírita.

Essa Comissão, que terá caráter permanente, como órgão central no Estado, foi fundada com o objetivo de imprimir

disciplina, uniformidade de método e unidade de orientação à propaganda da Doutrina, empenhando-se no sentido de que todas em sociedades espíritas da capital e do interior adotem nos seus trabalhos e sessões públicas e privadas as normas e os métodos recomendados pelas instituições que a compõem.

A Comissão propõe-se, outrossim, estimular a fundação de núcleos femininos nas sociedades, dando-lhes prática orientação, e de escolas diurnas e noturnas e cursos de alfabetização, bem como escolas profissionais, incrementando, também, a instituição de núcleos juvenis, para reunir os jovens espíritas em torno do ideal comum, adotando um programa doutrinário uniforme, e promovendo com êsses núcleos a fundação da União da Juventude Espírita de Pernambuco, que será oportunamente regulamentada.

A Comissão Espírita Estadual enviará esforços no sentido de ser assegurada uma perfeita compreensão fraternal entre os espíritas militantes e procurará unificar a família espírita de Pernambuco.

Instituindo esta Comissão, que funcionará como órgão controlador e orientador das atividades espíritas neste Estado, pensam as sociedades componentes atender a uma urgente necessidade da propaganda do Espiritismo e acreditam que ela corresponderá à expectativa de todos, produzindo os seus trabalhos ótimo resultado na defesa da Filosofia consoladora do Espiritismo.

Do Correspondente.

Livros Novos

Luz no Caminho

Isidoro Duarte Santos, nosso distinto companheiro de ideal, Diretor da conhecida e a apreciada revista «Estudos Psíquicos», de Lisboa, e um dos mais notáveis escritores espíritas, nos ofertou um exemplar da sua recente obra intitulada — «Luz no Caminho».

Mas não foi apenas um exemplar, foi muito mais do que isso, — foi um verdadeiro tesouro espiritual que nos ofertou Isidoro Duarte Santos, pois nas suas 350 páginas, podemos tirar tudo aquilo de que necessita o nosso espírito, ávido

de consolo, de paz e de progresso na longa estrada da Perfeição.

Numa linguagem elevada mas acessível a todas as inteligências, linguagem que fala à alma as coisas mais belas do reino de Deus, o autor esmiuça com perícia o Evangelho, tirando da letra o espírito que vivifica. Desde a primeira à última página, a leitura dêste tesouro espiritual, dádiva de Deus, absorve a atenção, e cremos que não há quem possa deixar de sentir e compreender as verdades ali escritas.

Admiramos todas as produções de Isidoro Duarte Santos, porque elas são realmente substanciosas e oportunas, mas êle que nos permita colocar na vanguarda das mesmas «Luz no Caminho», um livro que com o maior prazer recomendamos aos nossos prezados leitores.

E' um livro realmente bom e que oferece matéria para ser lida nas sessões espíritas, sempre que se deseje estudar o fundo moral de um trecho evangélico.

Agradecemos ao autor a oferta do volume.

A Nova Era

Completo vinte anos de existência no dia 15 de Novembro último, esta brilhante colega, órgão de propriedade da Casa de Saude «Allan Kardec», de Franca, fundada por José Marques Garcia, um dos mais dedicados servos do Senhor.

Festejando o grato acontecimento, «A Nova Era» ofereceu, nêsse dia, aos seus inumeros leitores e amigos, um número especial enriquecido com ótimos artigos e vasto noticiário e com o seu número de páginas aumentado.

A' prezada colega, os nossos votos

de crescente progresso na sua grandiosa missão de difundir a palavra de Jesus, à Luz do Espiritismo.

Podemos evitar a cegueira

As nossas últimas estatísticas sôbre a cegueira mostram de maneira impressionante que 70 % dos cegos existentes no Brasil poderiam ter a visão perfeita, bastando que tivessem tomado cuidados por vezes rudimentares quanto à proteção dos olhos.

Iniciando aquí esta série de artigos sôbre prevenção à cegueira, procuraremos de início apelar para uma de suas origens mais salientes: a sífilis.

Seria preciso que divulgássemos em todas as classes sociais, em todos os meios, a necessidade indiscutível do exame pré-nupcial.

Em inúmeros países, onde a saúde do homem, onde sua capacidade física para o trabalho representam capital para a nação, o exame pré-nupcial é exigido por lei, e os tratamentos, quando necessários, pagos pelo próprio governo.

Seria mais fácil conseguirmos dos noivos êsses tratamentos se os lembrássemos que essa providência, tomada a tempo, pôde em dias futuros trazer ao seu filho a alegria de uma visão perfeita. E que remorso, se o filho nascesse cego por sua própria culpa!

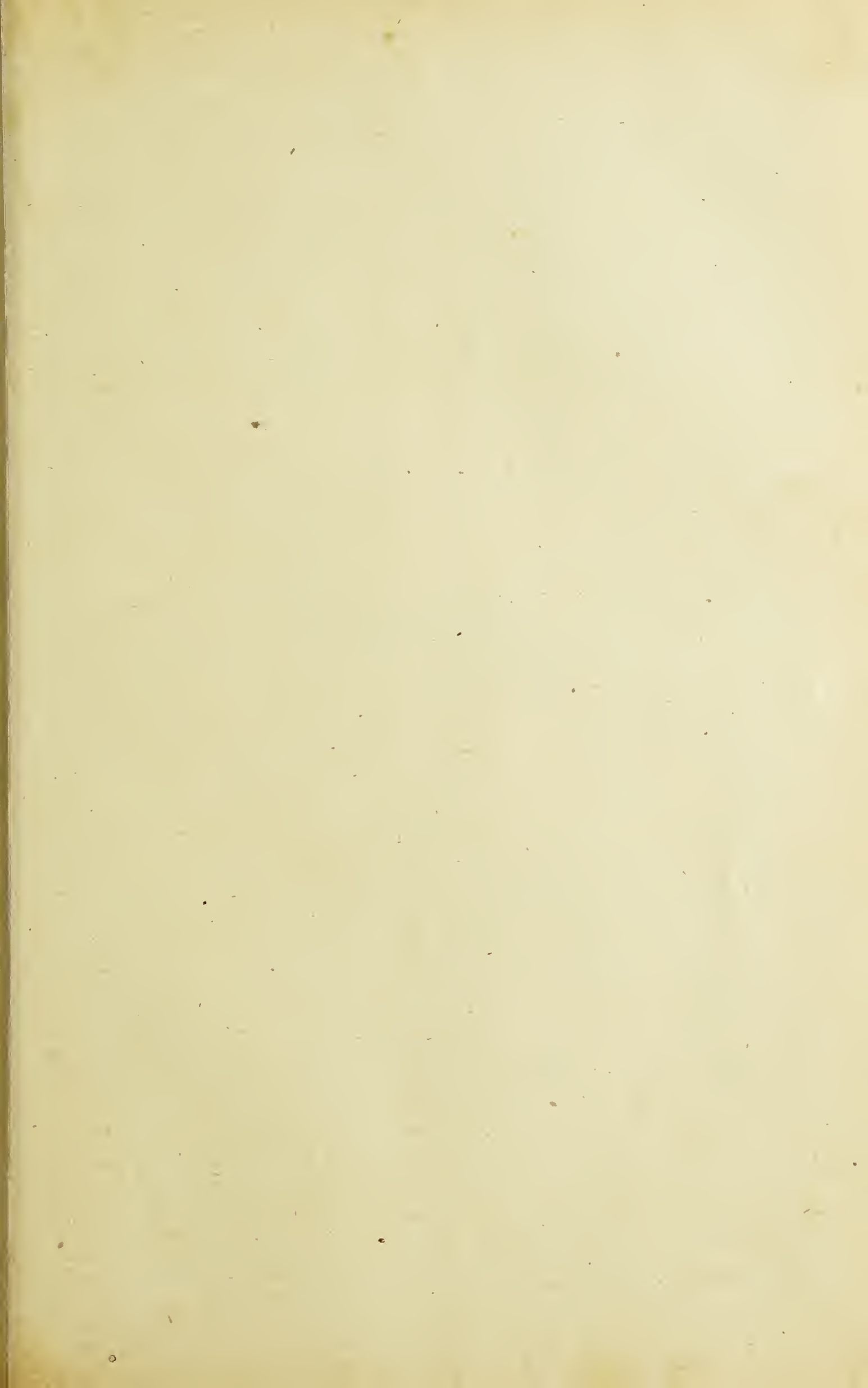
Divulguemos, pois, o valor do exame e tratamento pré-nupciais, evitando centenas de cegueiras por ano. Será um gesto patriótico que dará à nossa terra homens eficientes e sadios.

SALVE UM BRASILEIRO DA CEGUEIRA!

Fundação para o Livro do Cego no Brasil — Rua da Quitandá, 96 — S. Paulo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. \$50,00	Do 4.º ano Cr. \$ 50,00	Do 5.º ano Cr. \$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr. \$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

